

O cerco a Calazans

ELIANE CANTANHÊDE

BRASÍLIA — Preterido como candidato a vice na chapa de Mário Covas, o empresário Camilo Calazans já recebeu telefonemas das assessorias de Leonel Brizola e Ronaldo Caiado, além de uma carta,



recheada de elogios, de Fernando Collor de Mello. A ponta dessa carta surgia do bolso esquerdo da camisa de Calazans, ontem, no comitê central da campanha do PSDB, no exato momento em que ele se comprometia a votar na chapa Covas-Roberto Magalhães, mas não a participar da campanha. "Tenho compromissos profissionais que me ocupam todo o tempo", tentou se justificar.

Foi uma espécie de armadilha. Calazans chegou ao comitê pouco depois do meio-dia, justamente quando Roberto Magalhães dava entrevista à imprensa. Como se tratava do primeiro encontro deles, depois da convenção nacional do PSDB — à qual Calazans não compareceu —, o deputado Saulo Queiroz (MS) espertamente lhe ofereceu sua cadeira, à esquerda de Magalhães, para que o vice e o ex-quase vice fossem fotografados lado a lado. O constrangimento era claro. A troca de amabilidades foi inevitável.

Quando Roberto Magalhães perdeu as eleições para o Senado em Pernambuco, em 1986, o então presidente do Banco do Brasil (BB) Camilo Calazans foi um dos primeiros a lhe telefonar, oferecendo não só a solidariedade como o cargo — rejeitado — de consultor-jurídico da instituição. Ao contar o episódio, ontem, Magalhães disse que Calazans seria muito útil na campanha tucana, pois é sergipano e o Nordeste, com seus 22 milhões de votos, castiga Covas com seu mais

bairo índice nas pesquisas: 2%. A resposta de Calazans foi evasiva, apesar dos elogios formais, e não passou do nada entusiasmado com promessa de voto.

Acabada a entrevista, Magalhães deixou o comitê e Camilo Calazans se reuniu com Saulo Queiroz e o coordenador da campanha, deputado Jayme Santana (MA). Ali, fez sua principal queixa: a de que fora convidado por Saulo para compor a chapa de Covas e só soubera pelos jornais que a vaga iria para Roberto Magalhães. Saulo retrucou que o ex-governador Franco Montoro estava encarregado de avisá-lo das conversações dos tucanos com Magalhães, "mas certamente não conseguira localizá-lo a tempo".

Camilo Calazans tem prestígio no Banco do Brasil, instituição com imensa rede de agências em todo o País, e é ligado a setores rurais, como ex-presidente do Instituto Brasileiro do Café (IBC). Por isso, foi procurado por Saulo Queiroz, à meia-noite de um dos primeiros domingos de maio, para ser o vice de Covas. No dia seguinte, a conversa se estendeu num almoço na casa de Saulo, com a presença de Jayme Santana e do líder Euclides Scalco. Ao final de todo processo, contudo, o escolhido foi Roberto Magalhães e Saulo — funcionário de carreira do BB, licenciado — ainda comenteu uma gafe: na última quinta-feira, telefonou às 6h30 da manhã para Calazans, para que fosse ao Rio de Janeiro prestigiar a filiação de Magalhães ao PSDB.

Calazans não foi e ontem tinha bons motivos para queixas. Mas também tinha triunfos. Está conversando com o deputado Fernando Lyra, coordenador da campanha de Brizola, e com Antônio Alves, ex-diretor do Banco do Brasil e adepto da candidatura Ronaldo Caiado — que ainda não tem candidato a vice. A carta que Calazans recebeu de Collor é recheada de elogios à vida pública do ex-presidente do BB e à própria instituição. Não houve qualquer convite, mas ficou uma porta aberta.